

infeliz, onde deve expiar suas faltas em duras provas. Infelizmente, em vez de se submeter à dor, que redime, o homem se rebela por orgulho, que lhe agrava a situação, e assim prolonga seu cativeiro no cárcere da matéria.

Nota: Alguns versos, como os tercetos acima, além de outros, foram depois modificados pelo Espírito comunicante.

A ortografia do original, redigido a lápis pelo médium, em toda esta série de sonetos, é a antiga, o que mais testemunha a veracidade da autoria destas produções. Este acréscimo de testemunho se entende com os incrédulos, não, evidentemente, com os confrades. Diremos, a propósito, com o excelso Camões:

"Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podéis."

— /// —

Soneto II

26-11-1946

*Novamente a escrever, Musa inconstante,
Desafiando o espírito moderno...
De onde vens, triste Elmano? Vens do inferno?
Dos complicados círculos de Dante?*

*— Não perturbes o alígero viajante!
Proclamo a essência do meu ser eterno!
Depois de atravessar o escuro Averno,
Consterna-me a Verdade alucinante.*

*O que Elmano chorou ao surdo vento
No Letes se perdeu... Jamais te conte
O que te agrave o lóbrego tormento!*

*Basta a certeza, a mitigar-te a fronte,
De que além do cadáver macilento
Contemplarás a luz de outro horizonte...*

As comunicações de além-túmulo provam-nos a sobrevivência do Espírito. Não deve, porém, tal intercâmbio ser utilizado na ociosa indagação, por mera

curiosidade, da situação particular de cada pecador no mundo espiritual. Outrossim, a certeza de haver "outro horizonte", além do qual se estará banhado da luz verdadeira, nos obriga a pensar em que todos os nossos atos serão aí focalizados; daí o cuidado em nosso proceder na Terra, pela responsabilidade com a qual enfrentaremos a Luz Celeste.

— /// —

Soneto III

27-11-1946

*Sonhava o pobre Elmano, ao sol da graça,
Aventuras sem fim que Amor nutria,
Louco, vivendo ingrata fantasia,
Da velha China às margens do Regaça.*

*Infortunado vate! Mal sabia
Que o langotim da carne brilha e passa!
E, cego de prazeres, pôs-se à caça
Das mentiras cruéis que Amor trazia.*

*Que vale o bojo lúcido e encantado
De embarcação sem praias, onde aporte,
Brigue de ouro no abismo encapelado?!*

*Assim colhi do mundo amarga sorte,
Quando desfez o Tempo duro fado,
Devolvendo-me o sonho ao gral da Morte!*

Adverte-nos contra os prazeres sensuais, emanados do instinto da carne efêmera e que a nada conduzem,